



SEÇÃO: EPISTEMOLOGIA & FILOSOFIA DA LINGUAGEM

## Hermenêutica e psicanálise: uma clareira comum denominada interpretação<sup>1</sup>

*Hermeneutics and psychoanalysis: a common opening called interpretation*

*Hermenéutica y psicoanálisis: un claro común llamado interpretación*

**Luiz Rohden<sup>2</sup>**

[0000-0001-6143-090X](mailto:0000-0001-6143-090X)

[rohden@unisinis.br](mailto:rohden@unisinis.br)

**Mauricio Martins Reis<sup>2</sup>**

[0000-0002-5954-813X](mailto:0000-0002-5954-813X)

[mauriciomreis@terra.com.br](mailto:mauriciomreis@terra.com.br)

**Recebido em:** 18 fev. 2022.

**Aprovado em:** 30 ago. 2022.

**Publicado em:** 27 out. 2022.

**Resumo:** A articulação entre psicanálise e hermenêutica não é algo de incomum no pensamento dos últimos anos, em especial a partir da segunda metade do século vinte. Ocorre, todavia, que essa articulação muito raramente é postulada como constitutiva ou intrínseca, se tomarmos em consideração os pressupostos da psicanálise freudiana comparativamente à filosofia da hermenêutica filosófica de Hans-Georg Gadamer. O presente artigo tem por objetivo pavimentar essa clareira comum entre ambos, tomando como base a interpretação na especificidade da clínica do inconsciente e do compreender gadameriano.

**Palavras-chave:** hermenêutica; psicanálise; interpretação; inconsciente; compreensão; Gadamer.

**Abstract:** The articulation between psychoanalysis and hermeneutics is not uncommon in the thought of recent years, especially from the second half of the twentieth century onwards. It so happens, however, that this articulation is very rarely postulated as constitutive or intrinsic, if we take into account the presuppositions of Freudian psychoanalysis compared to Hans-Georg Gadamer's philosophy of philosophical hermeneutics. This article aims to pave this common clearing between them, based on the specific interpretation of the clinic of the unconscious and Gadamerian understanding.

**Keywords:** hermeneutics; psychoanalysis; interpretation; unconscious; understanding; Gadamer.

**Resumen:** La articulación entre psicoanálisis y hermenéutica no es infrecuente en el pensamiento de los últimos años, especialmente a partir de la segunda mitad del siglo XX. Sucede, sin embargo, que esta articulación es muy raramente postulada como constitutiva o intrínseca, si tenemos en cuenta los presupuestos del psicoanálisis freudiano frente a la filosofía de la hermenéutica filosófica de Hans-Georg Gadamer. Este artículo pretende allanar esa brecha común entre ambos, a partir de la interpretación en la especificidad de la clínica del inconsciente y del entendimiento gadameriano.

**Palabras clave:** hermenéutica; psicoanálisis; interpretación; inconsciente; comprensión; Gadamer.

### Introdução

Há muitos caminhos capazes de sintonizar a hermenêutica com a psicanálise. A partir da bússola do sentido – cuja orientação faz ambas peregrinarem pelos rastros da interpretação – descortinam-se variadas possibilidades ou horizontes de encontro. O estatuto da interpretação então nos inspira a pensar a psicanálise em indissolúvel conexão com a



Artigo está licenciado sob forma de uma licença Creative Commons Atribuição 4.0 Internacional.

<sup>1</sup> Este artigo contou com apoio de recursos do edital Universal, PQG 2017 e CNPQ.

<sup>2</sup> Universidade do Vale do Rio dos Sinos (Unisinis), São Leopoldo, RS, Brasil.

matriz hermenêutica contornada por específicos atributos sedimentados na filosofia contemporânea, cujo legado vem marcado pela herança de Heidegger – por sua analítica existencial ornamentada em *Ser e Tempo* (1927) – e pelo posterior desenvolvimento dos traços fundamentais da hermenêutica filosófica em Hans-Georg Gadamer com a obra *Verdade e Método* (1960). Se assimilarmos bem um dos fundamentos para esse renovado – e não metafísico – berço filosófico, a saber, a abertura interpretativa no horizonte da temporalidade do acontecimento existencial do ser, no qual a compreensão se apresenta em contínuo reinvestimento pelo fenômeno da linguagem, verifica-se que a psicanálise possui notória compatibilidade – para não dizer pertencimento – com a hermenêutica. Para alguém envolvido com a psicanálise, quer no âmbito teórico ou clínico<sup>3</sup>, que eventualmente se ponha em contato pela primeira vez com os pressupostos da hermenêutica filosófica, seria impossível não cogitar o compartilhamento da sua especialidade com as marcas peculiares daquela filosofia.<sup>4</sup>

Bem por isso, a hermenêutica não é a filosofia pré-concebida por muitos; ou melhor, ela constitui uma nova configuração de filosofia que não se contamina pelo aspecto totalizante marcado pela influência do pensamento ocidental desde Sócrates em torno do saber racionalmente esclarecido em busca da verdade. A verdade na hermenêutica não é recusada; caso contrário, ela não seria filosofia. Porém, ela tampouco se reduz ao produto consumado de alguma modalidade do pensar, por mais sofisticadas que sejam as formulações esboçadas pelo raciocínio explícito da linguagem. Ao mesmo tempo em que a hermenêutica pensa pela linguagem, ela fermenta linguisticamente a existência e a historicidade do ser humano, arrancando desses elementos o princípio da compreensão.

O empreendimento de se levar a sério, com

a mínima chance de sucesso, o relacionamento entre hermenêutica e psicanálise no campo magnetizador da busca pelo sentido através da interpretação precisa, sobretudo, desconstituir algo do presente que se entranha na cultura das humanidades, uma crosta que nos passa despercebida, sendo tida por muitos como inevitável ou natural. Trata-se de um efeito responsável por mecanizar o conhecimento, tornando-o generalizável e eficaz no tratamento de abstrações aplicativas: nas palavras de Gadamer, a reverberarem sua justificada perplexidade quanto ao dito fenômeno, "como determinados conhecimentos fascinantes ascendem à condição de esquema geral de interpretação"? (GADAMER, 2006, p. 18). Isto posto, não precisamos nos esbater com alguns questionamentos já consolidados na fronteira entre psicanálise e hermenêutica, dentre eles o de postular se uma é ramo da outra, precisamente porque o estranhamento de Gadamer – e da hermenêutica como filosofia por ele proposta – recusa de antemão qualquer parasitismo de parte a parte, inaceitável porquanto violento e desproporcional, ademais de transgressor ao conceito peculiar de interpretação instalado reflexiva e cuidadosamente no interior de ambas.

Pretende-se ao longo do artigo desenvolver argumentos que, configurando adequadamente o lugar da hermenêutica na filosofia, possam justificar a articulação constitutiva entre o pensamento de Gadamer e o modo de pensar (e de fazer) a psicanálise a partir dessa clareira comum denominada de interpretação. A interpretação, por sua vez, será requisitada para além de sua representação simbólica estritamente vinculada na linguagem formal, contraindo uma amplitude ontológica que não se deixa reduzir pelos ditames racionais da consciência, mas impulsionada pela grandiosidade complexa da nossa existência, na qual se incluem todas as incidências (perceptivas, pulsionais, representacionais e rememorativas)

<sup>3</sup> A psicanálise teve sua origem na terapia, não sendo resultante da pura teorização (WOLLHEIM, 1974, p. 156). Então a vida humana é o lugar das realizações especulativas da reflexão (teoria da vida humana), senão ao menos a acompanhante germinal e também destinatária dos movimentos teóricos e conceituais da trama científica (teoria para a vida humana), quer ela a filosófica, quer ela a psicanalítica. A correlação entre prática e teoria contempla a reciprocidade da metapsicologia com a clínica, cujos liames dialéticos envolvem o problema do sentido, as interpretações significadas e reapropriadas e a significação do próprio bem-estar humano no itinerário de sua finitude.

<sup>4</sup> Sobre a postulação da hermenêutica filosófica como filosofia, remete-se para outras produções bibliográficas (ROHDEN, 2003; REIS, 2017).

características da psique humana, inclusive aquelas provenientes do inconsciente. Verificaremos ao final o quanto a psicanálise traz consigo elementos essencialmente hermenêuticos, a tal ponto de se poder concluir que a hermenêutica filosófica, no trato específico que faz da interpretação um permanente compreender(-se), se deixa levar (inconscientemente ou não) por elementos caros ao empreendimento de Freud.

## 1 A verdade psicanalítica é hermenêutica

Por que a psicanálise seria então antitética, mesmo estranha, à hermenêutica? Por causa de uma arraigada equivalência, herdada do arcabouço racionalista da filosofia moderna, entre o interpretativo e o exegético em uma aposta de irremediável verdade a ser absolutamente revelada em termos de uma significação conscientemente domesticável pelo registro da linguagem. Assim sendo, o inconsciente freudiano não caberia na interpretação, ou melhor, nessa bitola hermenêutica cujo apetrecho técnico, sob forma de uma máquina industrial de seriais e dominadas interpretações, é sempre recusado em *Verdade e Método*. A hermenêutica, em sua universalidade postulada por Gadamer, recobre toda experiência humana, porque um sentido pode ser investido mesmo onde ele não se dá de maneira intencional (GADAMER, 2002, p. 282).<sup>5</sup> Por isso, a hermenêutica com inspiração gadameriana não é forçosamente tributária de uma psicologia do ego, na medida em que à consciência acorrem forças, impulsos e registros dela não originados e por ela não controláveis, embora com ela se manifeste o sentido a ser construído e reelaborado enquanto pulsar a vida histórica do sujeito do aparato psíquico. Então, podemos dizer que a interpretação para a hermenêutica filosófica é um compreender menos sintonizado

com a exegese de textos, sendo, por conseguinte, muito mais uma realização efetiva do cuidado de si e do outro.<sup>6</sup>

Freud assinala uma exigência de verdade em sua máxima "ali onde se estava, ali como sujeito devo vir a ser" (GARCIA-ROZA, 2009, p. 209).<sup>7</sup> Sabemos que a verdade em causa na psicanálise é a verdade do sujeito, diversamente do postulado filosófico moderno (cartesianismo) a recair no sujeito da verdade, assentado em termos monolíticos à subjetividade aspiradora de uma consciência idêntica a si mesma (GARCIA-ROZA, 2009, p. 20-23). A verdade psicanalítica é desconhecida pelo eu, e qualquer um que a manifeste por intermédio de um texto produz renúncia àquilo que propriamente diz ou, noutras palavras, não se bastará com o dito, vale dizer, se desdobra, projetando-se, para instâncias outras – bem vivas – que desencontram o sujeito contido na frase com a pessoa que a expressou.

Ocorre que a irredutibilidade em questão, a da verdade do sujeito indomada sob a metafísica do sujeito da verdade, é da mesma matéria-prima que se opera na hermenêutica do sentido em Gadamer, na qual a interpretação da verdade explode existencialmente (*ek-stasis*) em verdade da interpretação. O contínuo da interpretação no devir histórico da universalidade hermenêutica consiste na peça que faltava para conectarmos – comparável e compativelmente – psicanálise e hermenêutica.

## 2 A universalidade hermenêutica abrange o inconsciente

A universalidade hermenêutica representa uma máxima, vale dizer, uma proposição de caráter geral admitida por ela mesma (MARTINS, 1991, p. 754) como se fosse um axioma, indemonstrável por sua inegável evidência ou então válido como um princípio fundamental suscetível quando

<sup>5</sup> O artigo "Retórica, hermenêutica e crítica da ideologia – Comentários metacríticos na Verdade e Método I", publicado na coletânea brasileira *Verdade e Método II* (2002, p. 270-291), foi originalmente editado em 1967.

<sup>6</sup> Sobre o relacionamento da hermenêutica filosófica de Gadamer com o cuidado de si e do outro, aponta-se para outros artigos nos quais a psicanálise é indiretamente convocada a partir desse chamado da filosofia como um modo de ser (ROHDEN; KUSSLER, 2017; ROHDEN, 2017; ROHDEN, 2021).

<sup>7</sup> Na versão standard brasileira, temos "Onde estava o id, ali estará o ego" (FREUD, 1976, p. 102). O artigo "Conferência XXXI. A Dissecção da Personalidade Psíquica. Novas conferências introdutórias sobre psicanálise", publicado na edição brasileira das *Obras Completas*, v. 22 (1976, p. 75-102), foi originalmente editado em 1933.

muito a ulteriores modificações sem abdicar do seu núcleo substantivo original. Trata-se aqui de ontologicamente sermos remetidos à multiplicidade de modos de ser (Aristóteles)<sup>8</sup> e de hermenêuticamente lidarmos com as interpretações daí havidas nessas possibilidades a que somos arremessados, uma radicalidade na qual o ser humano compreende-se em seu ser. Isso significa o indivíduo estar entregue a si mesmo, ter de dar conta de si próprio (STEIN, 2012, p. 30).

A formulação de Freud *Wo Es war, soll Ich werden* (também traduzida como "Onde havia id, ego haverá"), não designa uma missão para o eu de cunho exegético, como se a psicanálise fosse reduzida à psicologia do ego (anti-hermenêutica para fins de exaurimento interpretativo) capaz de suportar a plena racionalidade conscienciosa dos atos e pensamentos humanos. Essa seria uma redução típica de uma máquina, a converter o estilo de Freud em uma versão positivista metodologicamente organizável (FROMM, 1970, p. 35).

A palavra interpretação em alemão comporta dois vocábulos não necessariamente equivalentes entre si: uma coisa indica o interpretar marcado pela inserção de sentidos no alvo da interpretação (*Deutung*), enquanto a outra aponta neste verbo para a retirada do significado do próprio objeto em causa, como se algo estivesse ali pronto para ser revelado (*Auslegung*). Desta feita, a interpretação no sentido de *Auslegung* mereceria uma especificidade restritiva justificadora de uma tradução por outra palavra, a exegese<sup>9</sup>, não sendo ela o lugar da psicanálise, nem da hermenêutica aqui cogitada, pelo fato de ambas lidarem com a inserção interpretativa de sentidos, uma operação nem metodológica, nem totalizante, muito menos reprodutiva. Isso apenas uma máquina hermenêutica seria capaz

de fazer sob o apelo do controle; mas o que elas fazem, hermenêutica e psicanálise, é de outra ordem: são máximas hermenêuticas.

A importância de dar palavras à dor e de representar os afetos em geral em um permanente reinvestimento significativo torna a psicanálise uma hermenêutica não exegética, ou seja, destituída de intenções certas mediante o aparelhamento de um domínio absolutamente administrável. A universalidade hermenêutica, a propósito disto, não pode ser confundida com a transparência de sentido; a todo o sentido que advém ao aparato psíquico de maneiras as mais variadas, para ser apreendido de alguma forma, não corresponde o destino de uma explicação definitiva, independente e satisfatória estabilizada no tempo histórico de quem o experimenta. Pode-se dizer que essa seria uma alucinação metafísica produzida para além das fantasias internas provenientes do sistema psíquico, algo como um fantasma consolidado externamente em objeto de desejo filosófico como se fosse capaz de satisfazer aquele que o acessa mediante dada ação específica de procurar pelo sentido da verdade (dogmatismo) ou pela verdade como interpretação (perspectivismo).<sup>10</sup>

A hermenêutica de Gadamer representa o pavimento mais simples e não menos fundamental para a noção complexa de sentidos constantemente aportados e ressignificados na experiência clínica e no manejo teórico-prático da tríade psicanalítica, a qual abrange um procedimento de investigação dos processos psíquicos, um método para o tratamento (congruente com a técnica empregada) e um acervo de concepções teóricas em benefício de desenvolvimentos consistentes.<sup>11</sup> Toda a significação e posterior reinvestimento representativo se atêm ao fio da

<sup>8</sup> Renato Mezan nos convida a pensar o quanto a mensagem aristotélica de que "o Ser se diz de muitas maneiras" pode ser retomada nos tempos atuais para a adequada contextualização entre certas formas de abordagem e o objeto de investigação sob enfoque (no caso do autor, com vistas a definir que tipo de ciência seria a psicanálise e quais seriam as suas peculiaridades), de maneira a refletirmos sobre a afinidade dos métodos científicos com os diversos tipos de ser, o que pode ser aproveitado para o enlace entre psicanálise e filosofia, mais especificamente a hermenêutica (MEZAN, 2019, p. 539).

<sup>9</sup> Por isso seguimos a medida – terminológica e filosófica – utilizada por Marco Casanova para traduzir os referidos conceitos do alemão para o português (nota de rodapé do tradutor em BINSWANGER, 2013, p. 46)

<sup>10</sup> Günter Abel sinaliza a verdade da interpretação como alternativa para a interpretação da verdade e para a verdade como interpretação de modo a nos desviarmos dessa alucinação metafísica: "Não se trata mais, em realidade, de posicionar-se novamente "atrás" dos processos fundamentais de interpretação. A questão da "verdade da interpretação" deve desdobrar-se de modo que ela não recaia no âmbito da metafísica da "essência" (ABEL, 1999, p. 24).

<sup>11</sup> RICOEUR, 2010, p. 58. Sabemos, e Ricoeur nos indica isso, que a caracterização triplíce da psicanálise é explicada pelo próprio Freud

história do sujeito no qual se conectam diversas temporalidades, vividas (presente), projetadas (o futuro do presente) e reencaminhadas (o presente do passado) ao longo de sua jornada existencial. Bem por isso, a hermenêutica se despoja de ingredientes exegéticos que tornem a interpretação uma escala indefectivelmente explicativa e causal oriunda de um discurso atinente a um texto prestes a ser revelado: ela nem pode ser resumida a uma técnica, tampouco a uma metodologia, porquanto ambas derivam de exemplares históricos<sup>12</sup> que se tornaram curtos, senão artificiais, para o programa desenvolvido por Gadamer a partir da universalidade hermenêutica.

### 3 A linguagem ultrapassa o simbólico: a interpretação não equivale à exegese

O psiquismo a funcionar aporta um conjunto de sinais portadores de algo a ser conduzido para a interpretação de uma vida em movimento. As incansáveis pulsões serão acompanhadas por contínuas e redobradas significações enquanto o aparelho psíquico estiver animado pelo funcionamento vital: enquanto houver ser, haverá linguagem, "o ser que pode ser compreendido é a linguagem" (GADAMER, 2002, p. 283).<sup>13</sup> Gadamer diretamente questiona para o âmbito da terapia psicanalítica a ingenuidade de confundirmos hermenêutica com exegese, ao se ambicionar para o estado final de um processo de formação reflexiva a coincidência entre as motivações da ação com o sentido que orienta o indivíduo que age (GADAMER, 2002, p. 281). Como ele próprio diz, podemos "experimentar um sentido também onde este não se dá intencionalmente" (GADAMER, 2002, p. 282), porque o problema hermenêutico possui um alcance fundante universal para toda a experiência humana.

O investimento hermenêutico na psicanálise

confere a abertura ao sentido em virtude de um conjunto heterogêneo de causas, economicamente energéticas em quantidade a ser descarregada, as quais nem sempre se ligam a representações, vale dizer, a componentes representativos (ideias) prontos para serem interpretados. A rigor, a essência da descoberta psicanalítica, ao evidenciar a independência do afeto e da representação (MONZANI, 1989, p. 93), não sepulta a hermenêutica em sua integralidade, quando muito questionando versões específicas redutoras do papel interpretativo (como se a hermenêutica lidasse apenas com textos e representações prontas) e redentoras do estatuto da interpretação na psicanálise (como se o fator quantitativo fosse um demônio a ser exorcizado). A linguagem do sentido não precisa dominar as explicações econômicas de energia para retermos uma concepção primordial de hermenêutica na psicanálise, bastando que ela se materialize como o ingresso significativo para a via de uma jornada interior: o significativo precede o significado, tanto quanto a superação das resistências (antecedida de algo, nem sempre representável, que nos leva à análise) é condição para o sucesso do tratamento clínico.

A interpretação, além de tudo, é proveniente de alguém e destinada ao outro, mobilizada a partir de um vínculo intersubjetivo de acolhimento sem o qual o sentido não se faz ecoar existencial e analiticamente. Acena-se aqui com o eixo ético da transferência psicanalítica, a qual não se deixa levar pela simples comunicabilidade de um conteúdo capaz de verbalização através de palavras e de textos ou mesmo pela catalogação de casos a hipóteses prévias bem ajustadas pelo requinte da padronização científica. A propósito disto, Freud comenta sobre a importância capital de certas condições práticas serem atendidas para

(FREUD, 1976, p. 287). O artigo "Dois verbetes de enciclopédia", publicado na edição brasileira das *Obras Completas*, v. 18 (1976, p. 285-312), foi originalmente editado em 1923.

<sup>12</sup> Estamos nos referindo às duas formas tradicionais de se pensar a hermenêutica, "a hermenêutica como técnica de traduzir expressões obscuras em expressões claras e a hermenêutica como exegese, que procura esclarecer sentidos ocultos do texto" (FRANCO, 1995, p. 43). Perceba-se que em ambas a hermenêutica repousa concluída em certa finalidade, seja para esclarecer um sentido, seja para revelá-lo magistralmente.

<sup>13</sup> Isso não significa que a interpretação esteja apenas na linguagem bem articulada, muito menos que a hermenêutica na psicanálise reconheça apenas a força do registro no simbólico, descurando instâncias outras (como o real e o imaginário), senão que a linguagem sempre de algum modo perpassa a experiência concreta de alguém, ainda que com modos diferentes a partir de estruturas patológicas com suas particularidades e pormenores.

o sucesso do tratamento analítico, reforçando a insuficiência – e os perigos – do manejo teórico competente, isoladamente considerado, por parte de profissionais que se bastam com os conceitos abstratos da psicanálise para fins de diagnóstico imediato. Antes de transmitir o conhecimento ao paciente sobre o seu inconsciente, ou seja, informando-o sobre aquilo que ele não sabe por causa do recalçamento, o profissional precisa verificar terem ocorrido duas experiências no tratamento analítico particular com cada um de seus pacientes: o paciente deve ter alcançado por si mesmo “a proximidade daquilo que ele reprimiu” e deve ter estabelecido “uma ligação suficiente (transferência) com o médico para que seu relacionamento emocional com este torne uma nova fuga impossível” (FREUD, 1970, p. 211).<sup>14</sup>

Para a hermenêutica de Gadamer, existe um nexos indissociável entre o ser (*Dasein*) e a linguagem, algo a se depreender da célebre afirmação segundo a qual “o ser que pode ser compreendido é linguagem” (GADAMER, 2002, p. 283),<sup>15</sup> mas em uma tônica de abertura e de continuidade ontológicas em nada comparável a esquemas de esgotamento entre o sujeito e aquilo por ele exprimido. Em primeiro lugar, porque na linguagem “reflete-se, antes, tudo que é” (GADAMER, 2002, p. 283), ou seja, somos não por causa daquilo que conseguimos dizer, senão ao contrário, somente conseguimos dizer, sem esgotar, aquilo que já antes acontece conosco. Em segundo lugar, a linguagem não se opera como se fosse um espelho cujo reflexo retrataria quem de fato somos, na medida em que ela é “uma interpretação e revitalização do que existe conosco” (GADAMER,

2002, p. 283), por isso a abertura e a continuidade ontológicas, que a linguagem oferece ao ser em constante transformação e transbordamento, se descortinam como investimentos interpretativos em vigor enquanto houver vida e potência de significados das mais variadas ordens e intensidades. Ademais, é de fundamental importância não se identificar a linguagem com o próprio ser ou mesmo de evitar tomá-la como condição de possibilidade para as configurações existenciais (HACKING, 1999, p. 179): algo bem diverso é se depender da linguagem para efetivar o reconhecimento, ainda que parcial e jamais exaustivo, dos processos e fenômenos que envolvem o ser.<sup>16</sup>

A realidade não se efetiva às costas da linguagem, mas também na linguagem, nos assinala Gadamer. Isso indica que a realidade escapa como alheia ou independente da linguagem para aqueles que pretendem de maneira artificial compreender o mundo de modo perfeito e acabado, ou não mais compreendê-lo (GADAMER, 2002, p. 286),<sup>17</sup> vale dizer, abdicando de uma compreensibilidade que principia na própria existência dos seres<sup>18</sup> (OLIVEIRA, 2015, p. 71). Quem se supõe ter esgotado a interpretação por causa de uma exaustividade pretendida em termos de certa escala metodológica, outra coisa não faz senão deixar de compreender no exato momento do enquadramento perfeito: isso é ignorar dogmaticamente a realidade, ou estrangulá-la no efeito de uma interpretação infalível. A diferença ora estabelecida funciona também para o tratamento da saúde: a interpretação pode se mostrar como tal (uma interpretação) ou como hipótese, e lá onde os indicativos de

<sup>14</sup> O artigo “Psicanálise Silvestre”, publicado na edição brasileira das *Obras Completas*, v. 11 (1970, p. 205-213), foi originalmente editado em 1910.

<sup>15</sup> No campo da psicanálise, temos igualmente duas asserções lapidárias sobre a importância da linguagem para a realidade humana, ambas em absoluto confronto e apresentadas no famoso Congresso de Bonneval no ano de 1960: a proposição de Lacan a indicar “o inconsciente estruturado como linguagem” e o enunciado de Laplanche segundo o qual “o inconsciente é a condição da linguagem” (DOSSE, 2017, p. 274).

<sup>16</sup> Nas palavras de Gadamer ao falar da reciprocidade entre mundo e linguagem: “Isso de modo algum significa, como me atribui Habermas, que a consciência articulada pela linguagem determina o ser material da práxis vital, mas apenas que não existe nenhuma realidade social com todas as suas pressões reais que não se expresse numa consciência articulada pela linguagem” (GADAMER, 2002/1967, p. 286).

<sup>17</sup> Gadamer censura para a hermenêutica a consequência metafísica insustentável pela qual “tudo seria somente linguagem e acontecimento linguístico”, porque a alusão ao indizível (como ao inconsciente) não invalida a universalidade do linguístico (GADAMER, 2011, p. 22). A linguagem opera como a validação do indizível, vale dizer, como forma de realização do compreender, passando adiante o dito oriundo de uma realidade que ultrapassa, e pressiona a cada vez (com modos e temporalidades diferentes), a marca linguística.

<sup>18</sup> Conforme diz Gadamer, “a reflexão de uma determinada compreensão prévia coloca diante de mim algo que antes se dava às minhas costas” (GADAMER, 2002, p. 288), sendo que esse algo não é tudo. Algo então nos precede (inclua-se aqui o inconsciente) que, ao ser compreendido, resulta sempre parcialmente assimilado na continuidade da vida histórica do sujeito.

um sintoma são abocanhados pela cultura do enquadramento teórico para fins de diagnóstico, o médico se recusa a prosseguir onde o analista deveria se deixar levar e prosseguir interpretando (MANNONI, 1991, p. 66).

A reflexão hermenêutica, portanto, é um prosseguimento ontológico dos nexos históricos da tradição onde o ser humano está existencialmente inserido. Então, ela não pode aspirar, especialmente em sua projeção crítica, a um ponto extravagante para além da existência efetiva (tradição) cuja descontinuidade oferecería, por ser de fora (eis uma petição de princípio), a legitimidade perseguida. Nas palavras de Gadamer, a autoridade repousa no reconhecimento a partir da finitude da existência humana e do particularismo essencial da reflexão (GADAMER, 2002, p. 285). Ricoeur soube reconhecer na hermenêutica filosófica de Gadamer, tomando-a inclusive como ponto de partida para as suas investigações, um conjunto de apontamentos decisivos para a introdução, legítima, de uma instância reflexivo-crítica nessa indisputável pertença histórico-efetiva a que estamos submetidos (RICOEUR, 1986, p. 105).<sup>19</sup> Reside aí o prosseguimento ontológico de uma consciência de pertença capaz de refletir a partir de novas e sucessivas problemáticas, efetuando-se mobilizações de sentido não totalizantes, porém promissoras no alcance da história dos efeitos a advir da estrutura temporal da experiência humana e do seu horizonte em aberto devir.

Por outro lado, vinculando o assunto com a psicanálise, o condicionamento histórico inclui a jornada incessante de pulsões a que somos mobilizados quantitativa e qualitativamente nas mais variadas relações disponíveis do sujeito com o mundo (dele consigo mesmo, com os outros, com as coisas). Então a hermenêutica aqui estabelece a interpretação como algo a ser

representado continuamente sem a intervenção de um ponto final (deixar de interpretar) ou definitivo (o interpretado tornado fixo), porque a temporalidade histórica marcada interpretativamente abrange temporalidades plurais, ou seja, não se deixa levar pelo eixo linear da cronologia fazendo com que o ser recaia na inautenticidade do tempo irrecuperável no passado. A consciência histórica, pois, marcada pela reflexão efetiva que acontece no desenvolvimento da linguagem, "é insuperavelmente mais ser que consciência" (GADAMER, 2002, p. 288).

#### **4 Interpretar é também sentir: interpretar não é apenas conhecer**

Voltamos à Freud quando diz sobre os requisitos para a eficácia do tratamento analítico, apontando para essa paradoxal riqueza e pobreza da palavra no conhecimento acerca do inconsciente pelo vir à tona da consciência. Sem a intervenção da linguagem durante a terapia para se acessar os indícios deixados pelo inconsciente, nada se mostra promissor; com ela, absolutamente nada se revela à exaustão, ante a precariedade de algo sempre a faltar, a resolver e a se reconstituir em sucessivos tempos, sem esquecer os desencontros e os equívocos reinantes pela racionalização obstrutiva que faz a palavra esconder mais do que mostrar. Freud efetua comentários ilustrativos que merecem atenção quanto ao ponto: informar o paciente sobre o seu inconsciente é algo por si só frágil e muitas vezes arriscado, porque o mero conhecimento do inconsciente (quanto mais na transmissão pelo analista em vez da proximidade obtida pelo paciente) seria como apregoar para alguém a cura por intermédio de ferramentas abstratas e solitárias como livros e conferências sobre psicanálise, cuja influência sobre os sintomas seria algo como "a distribuição

<sup>19</sup> Ricoeur nos diz que a categoria gadameriana da consciência-da-história-dos-efeitos (*Wirkungsgeschichtliches Bewusstsein*) "não releva da metodologia, da investigação histórica, mas da consciência reflexiva desta metodologia" (*Idem, ibidem*), ou seja, trata-se efetivamente de uma consciência de se estar exposto à história e à sua ação sem renunciar à possibilidade da reflexão e da crítica, embora desconsiderando certas concepções demasiadamente distantes a partir de propósitos epistemológicos mais severos, para as quais o critério objetivo prevalece sobre a estrutura existencial de estar-lançado no mundo. Nessa convicção do caráter antecipado da experiência humana, conclui Ricoeur, Gadamer é indesmentivelmente herdeiro de Heidegger, daí podermos asseverar que o horizonte da crítica e da reflexão, existente de fato na hermenêutica filosófica, não deixa de ser um prolongamento (um prosseguimento) ontológico dos constitutivos nexos históricos onde os sujeitos se articulam uns com os outros.

de cardápios" (FREUD, 1970, p. 211)<sup>20</sup> para quem tem fome.

Então, como bem pontua Piera Aulagnier, o conhecimento de si esperado e solicitado pelo analisando em uma análise não se contenta em apenas decifrar informativamente o saber sobre a sua verdade, mas de incorporar àquele saber "um poder sobre o afeto" (AULAGNIER, 1995, p. 21) de modo a se relacionar melhor com os sofrimentos psíquicos. É bem verdade que as pessoas com desejo de se analisar precisam se assumir antes de mais nada, com a vontade de identificar a causa do sofrimento (então desconhecido) que as apodera, mas esse desejo de saber sobre o seu inconsciente envolverá algo a mais do que a simples compreensão para fins de transformação afetiva, a saber, um trabalho psíquico condizente com o bem-estar emocional do sujeito. A interpretação na psicanálise recupera o sentido tornado incompreensível para o próprio indivíduo (o autor com a sua demanda "sinto-mal"<sup>21</sup>) a partir de influências internas por ele desconhecidas, havendo então uma afinidade inegável entre o trabalho psicanalítico e a hermenêutica nos moldes gadamerianos.

Isso porque a versão clássica da hermenêutica, com o seu método de decifração do sentido, "parte do pressuposto de uma intenção consciente do autor e não pode, portanto, revelar o sentido de um texto que transcende o domínio de uma consciência transparente a si mesma", excluindo algo de essencial no âmbito psicanalítico, a saber, "os processos de formação do indivíduo" (STEUERMAN, 1988, p. 7). Nada mais distante em face da filosofia de Gadamer, para a qual se atribui à interpretação um papel fundamental nos quadros da psicanálise, pois os motivos inconscientes não representam um limite para a hermenêutica, em virtude da integração e rearticulação dos processos psíquicos na história do

paciente e na sua atualização simbolizada a cada vez no círculo da linguagem (GADAMER, 2002, p. 290-291).<sup>22</sup> O próprio Freud em 1922 definiu a psicanálise como uma arte da interpretação, distante, portanto, das aspirações explicativas de uma ciência interpretativa: a habilidade, experiência e arte do profissional em busca de interpretações concretas, possíveis e dinâmicas para o caso clínico do paciente combinam mais com o trabalho psicanalítico comparativamente ao modelo metodológico de aplicação dedutiva de recursos técnicos abstratamente considerados com base na literatura vigente para fins de evidenciação de interpretações exatas, seja de confirmação ou descarte, animadas pela perspectiva da certeza científica (COLTRERA; ROSS, 1976, p. 32).

A experiência analítica imprime na subjetividade humana uma abertura a ser decifrada e rearticulada em sucessivas e atravessadas temporalidades na vida do sujeito, por meio da qual se entrevê o esfacelamento da totalização da individualidade no registro do ego em benefício da infinita invenção simbólica reinante na jornada existencial de cada um de nós (BIRMAN, 1989, p. 150). O duplo aspecto da abertura e das temporalidades vincula a psicanálise à hermenêutica de Gadamer, pois nessa duplicidade a interpretação se sobressai pela incidência apropriadora de campos temporais de sentido no âmbito dos quais a narrativa histórica é capaz de se reinventar – como investimento psíquico – em simbolizações construídas, reelaboradas e intercambiadas na relação entre paciente e analista. O tempo antecipado da elaboração significativa do futuro na interpretação presente do passado e na interpretação do presente ante o horizonte do porvir faz convergir a prévia compreensão gadameriana com o conceito de posterioridade em Freud (*Nachträglichkeit*), pois de cada momento

<sup>20</sup> Aliás, a técnica psicanalítica para Freud não pode ser obtida somente pelos livros, muito menos com independência do sacrifício através da prática clínica e dos respectivos dispêndios de tempo, de energia e de experiências fracassadas, reformuladas e exitosas (FREUD, 1970, p. 212).

<sup>21</sup> O neologismo é empregado por Antonio Quinet. A dimensão sintomal consiste na transformação do sintoma do qual alguém se queixa ("sinto-mal") em um sintoma propriamente analítico, naquilo que insinua o desejo do sujeito. Assim sendo, necessário é que "essa queixa se transforme numa demanda endereçada àquele analista e que o sintoma passe do estatuto de resposta ao estatuto de questão para o sujeito, para que este seja instigado a decifrá-lo" (QUINET, 2009, p. 16).

<sup>22</sup> No trecho em questão o filósofo cita a figura de Jacques Lacan.



presente o passado é capaz de ser simbolizado de outro modo e nele já toma parte em alguma medida a iminência do que vem pela frente (FIGUEIREDO, 2021, p. 55-56).

As manifestações humanas, intencionais ou não (como os sintomas, os atos falhos e os sonhos), apresentam, portanto, um sentido em conexão com a vida de quem os produz, eis um postulado freudiano<sup>23</sup> cuja universalidade compartilha a mesma amplitude do saber hermenêutico de Gadamer. Então vale a pena descortinar o alcance psicanalítico, e hermenêutico, do sentido: algo a ser compreendido – e não apenas conhecido – com potencial transformador na constelação simbólica das pessoas em cada singular existência, com desdobramentos importantes no complexo relacionamento entre os domínios do psiquismo, os quais foram reconhecidos por Freud no evoluir dos seus escritos acerca da extensão e dos efeitos do inconsciente<sup>24</sup>. Pois não basta conhecer ou trazer à tona o inconsciente, é preciso adicionalmente efetuar-se a compreensão hermenêutica<sup>25</sup>, sem a qual as mudanças deixam de incidir no fluxo histórico do sujeito.

## 5 O analista é um hermeneuta do significado "sentido" não redutível às palavras

Não é que a intervenção do analista dispense interpretação em determinadas situações da realidade clínica, mas é a interpretação na análise que aportará em muitos casos uma prática construtiva articuladora junto ao paciente para o advento da capacidade de representação.<sup>26</sup> Vale dizer, experiências representadas e disponíveis em palavras oferecem uma modalidade de interpretação pelo analista ao lado de uma outra modalidade interpretativa, mais delicada, responsável por elaborar (construir) a inscrição significativa dos atos psíquicos, ajudando o indivíduo na tramitação de coordenadas bem atadas na temporalidade existencial de quem sofre com aspectos mais graves comprometedores do funcionamento simbólico, em ressonância aos eixos do real e do imaginário. A interpretação é tão arraigada na psicanálise quantos inevitáveis serão os seus desdobramentos rentes à exploração minuciosa de casos clínicos os mais variados em sua fenomenologia.

A comunicação em análise, tida como o lugar

<sup>23</sup> "Realmente, posso apenas afirmar, não posso provar, que é assim, sempre, e em todos os casos. Todo aquele que procura por si mesmo essas experiências encontrará provas convincentes" (FREUD, 1976, p. 306). O artigo "Conferência XVII. O sentido dos sintomas", publicado na edição brasileira das *Obras Completas*, v. 16 (1976, p. 305-322), foi originalmente editado em 1917.

<sup>24</sup> Freud evoluiu o seu modelo do inconsciente para melhor pensar o tratamento analítico; assim, estamos às voltas com mais de um inconsciente, não se tratando somente, como no primeiro modelo (de 1907 a 1915), da tomada de consciência, mas agora também de uma transformação para se tornar consciente, uma apropriação subjetiva na qual a simbolização prospera a serviço do indivíduo, alocada na expressão "onde o isso está, o sujeito, o eu, deve advir" (ROUSSILLON, 2013, p. 110-111). Nas palavras de Luís Cláudio Figueiredo, estaríamos bastante defasados na teoria freudiana (e mais ainda no acompanhamento da clínica desde Freud até os presentes dias) se continuarmos falando hoje do inconsciente no singular, reduzindo-o ao inconsciente reprimido (FIGUEIREDO, 2021, p. 28).

<sup>25</sup> As críticas de uma apreensão hermenêutica da psicanálise merecem ser recebidas com cuidado no tocante àquilo que nuclearmente resulta argumentado por cada enfoque com esse perfil, com o objetivo de não se estabelecer uma tábua de padronização responsável por tratar hermenêutica e psicanálise como elementos antitéticos absolutos em qualquer ordem de consideração. Além disso, invariavelmente expedientes com dito arranjo tendem a justificar a contrariedade sob o expediente de contrastes conceituais que, em vez de rejeitarem com fundamento os traços elementares da hermenêutica (sentido, interpretação, significado) em benefício de outro aparato teórico (melhor e mais eficaz), substituem-nos por congêneres funcionais supostamente diferenciados, camuflando o problema por causa de uma diferenciada capa linguística. Qual seria a diferença, por exemplo, entre sentido e "resposta" no trecho a seguir destacado por um dos críticos da chamada "máquina hermenêutica" da psicanálise: "A identificação é uma solução a um problema imposto ao sujeito, trata-se de uma figura imposta que não constitui o "sentido" da pergunta que a produz, senão a resposta a essa pergunta, a qual será sempre parcialmente arriscada, contingente e necessária para a relação trínaria entre pai, mãe e filho que se apresenta nos significantes a serem estruturados para neles o sujeito encontrar o seu lugar" (TORT, 1976, p. 72, tradução nossa). Nos moldes da hermenêutica de Gadamer, não haveria nada a opor frente à constatação de sentido e resposta serem equivalentes no contexto em tela, desabonando a alegada especificidade da "resposta" psicanalítica diante da questão do "sentido" hermenêutico, como se incompatíveis entre si.

<sup>26</sup> A interpretação aponta aqui para qualquer intervenção do analista, mais ou menos complexa – no sentido da implicação ativa do profissional – conforme as características singulares evidenciadas no trâmite intersubjetivo do tratamento clínico (MINERBO, 2016, p. 100-101), capaz de trabalhar desde associações livres efetuadas pelo paciente (simbolização secundária) até promover, criando-se, as primeiras elaborações a partir do material bruto das experiências rudimentares marcadas no psiquismo do indivíduo (simbolização primária).

da interpretação, incorpora pormenores a ponto de não se fazer confundir com a transmissão transparente de conteúdos, tanto quanto a interpretação analítica ultrapassa a competência cognitiva de revelar sentidos inconscientes e de dominá-los no âmbito da racionalidade.<sup>27</sup> Isso porque nem tudo se reduz na clínica ao repositório verbal de elaborações linguísticas no âmbito da passagem do inconsciente ao consciente, e mesmo se assim o fosse, não se trata de somente assimilarmos a inteligência do trabalho analítico;<sup>28</sup> além do mais, tampouco a relação entre analista e paciente contempla naquele a posição de mestria com atributo sugestivo de direcionar interpretações a partir de um lugar privilegiado do saber.<sup>29</sup> A psicanálise acontece, então, com as suas especificidades a ponto de evidenciar um tratamento hermenêutico qualitativamente diferenciado (e compatível com a hermenêutica de Gadamer) não escapando-lhe, como muitos defendem, o campo do sentido e o da interpretação. O conceito de hermenêutica em Gadamer destoa, como sabemos, de uma doutrina prescritiva do método, ligando-se, ao contrário, com o sentido da própria experiência da história efetual na qual o ser humano é investido, pela riqueza de poder ser compreendido lá onde o sujeito a cada vez acontece, e não apenas fala

(GADAMER, 2011, p. 23).

Nada será suficientemente forte a ponto de solapar o estatuto da interpretação no universo plural das manifestações humanas. O que bem ocorre é o desvirtuamento das práticas interpretativas (e de suas especulações a nível teórico) nas fronteiras de cada especialidade, a promover uma inversão ética responsável por conduzir a busca pelo sentido a destinos simplificados demais, desencontrados e arriscados, com o que se poderia imprudentemente concluir pela culpa da própria possibilidade de interpretação e, por conseguinte, pelo decreto da falta de sentido ou ainda pelo encaminhamento de alternativas não reconduzíveis – como se isto fosse possível – ao escopo de alguma significação. Não se pode despojar, portanto, os seres humanos de sua inegável capacidade singular: a capacidade de criar sentido (LEADER, 2013, p. 372).<sup>30</sup> Mesmo na situação extrema de certa angústia tomada como transbordamento de uma quantidade a ser descarregada, na qual se evidencia a falha de representação para efeito de continente ou de defesa, os conteúdos psíquicos em excesso, ora desprovidos de veículos de linguagem, se insinuarão na trama analítica para que entre em cena a construção compartilhada de sentidos no relacionamento entre analisando e terapeuta

<sup>27</sup> Freud contesta a equiparação entre trabalho terapêutico e transmissão do saber, ou seja, entre psicanálise e certas doutrinas socráticas da filosofia, como se o analista devesse remediar ou aliviar o estado de ignorância do paciente, acerca de estados inconscientes que o afligem, dispondo da explicação e do posterior compartilhamento daquele conteúdo. Mesmo ao admitir, ainda naquele contexto (anterior à década de 1920, quando então se passam importantes transformações em seu pensamento), a tese segundo a qual os sintomas desaparecem quando se fazem conscientes seus motivos predeterminantes inconscientes, Freud assinala um importante condicionante afetivo adicional, a de que a terapia somente age "na medida em que tem condições de efetuar essa transformação" (FREUD, 1976, p. 331). O artigo "Conferência XVIII. Fixação em Traumas – O Inconsciente", publicado na edição brasileira das *Obras Completas*, v. 16 (1976, p. 323-336), foi originalmente editado em 1917. Isso significa implicar um outro tipo de saber em jogo, o do analisando, pois se houver apenas a transferência informacional de conhecimento do médico para o analisando, não se produz nenhum resultado em benefício efetivo da remoção do sintoma ora envolvido, para a qual deve concorrer, além de um conhecimento daquilo que antes não se sabia (o sentido de seus sintomas, especialmente quando isso é o proveniente da atividade do próprio indivíduo sob tratamento), o conhecimento baseado "numa modificação interna no paciente, e esta só pode efetuar-se através de uma parcela de trabalho psicológico orientado para um objetivo determinado" (FREUD, 1976, p. 332).

<sup>28</sup> Contanto que se admita a participação simultânea no trabalho analítico da dimensão afetivo-emocional e da reflexão cognitiva, não problematizaremos aqui as consequências da exacerbação – ou da precedência – de uma sobre a outra, como nos indica, por exemplo, a maneira de pensar de Habermas sobre a psicanálise, pelo menos no seu livro *Conhecimento e Interesse* (1968): "A transformação afetiva que para Freud é condição de possibilidade da inteligência é, para Habermas, consequência da inteligência da interpretação oferecida pelo paciente." (STEJERMAN, 1988, p. 9). Trinta anos depois da primeira edição da obra, Habermas insiste em sustentar a interpretação da psicanálise sob a guarda do domínio cognitivo mediante reflexão, é claro, sofisticada, no percurso posterior de sua filosofia nos anos setenta e oitenta, através do aparato da teoria comunicativa (HABERMAS, 2011, p. 507).

<sup>29</sup> De acordo com Marco Antonio Coutinho Jorge, a utilização do saber psicanalítico sob a forma de sugestão, a fazer com que o paciente internalize a interpretação do terapeuta sobre os seus problemas, "corresponde a uma infração grave à ética da psicanálise, que está presente na posição do analista quando ele valoriza a singularidade do saber inconsciente e do desejo do sujeito, em detrimento de toda e qualquer formulação teórica" (JORGE, 2017, p. 68).

<sup>30</sup> Isso não significa, como vimos, que a interpretação não possa ser inflacionada equivocadamente a partir de algum desvirtuamento, como por exemplo a ideia errônea de que o tratamento analítico consista em termos gerais num processo objetivo de explicação do sentido, ou seja, de que a terapia visa a proporcionar o discernimento do paciente depois que o analista venha a lhe transmitir o significado do produto de sua escuta (LEADER, 2013, p. 347). O mesmo equivoco prosperaria no dogma segundo o qual a hermenêutica não deixaria de ser no fundo um procedimento metodológico similar à exegese (revelação de sentido a partir da palavra).

(NOSEK, 2017, p. 32).<sup>31</sup>

O acontecer instaurador do sentido na psicanálise representa o ponto mais saliente da sua compatibilidade filosófica, em termos de um programa de fundamentação, com a hermenêutica da diferença ontológica de Gadamer.<sup>32</sup> Trata-se de perseguirem as duas um novo tipo de relação na esfera do "demasiadamente humano" no qual a causalidade não se esgota em elaborações objetivadoras, pois sempre algo está prestes a transcender o domínio da mensurabilidade interpretativa. É pela interpretação, aliás, que a diferença ontológica aparece como a permanente ultrapassagem dos efeitos históricos incorporados na superveniência do acontecimento existencial incessante: fazer sentido é continuar fazendo sentido pela implementação de uma cartilha da ordem da singularidade, sem prévio manual de instrução. O limiar interpretativo consiste nesse denominador comum em movimento, incrustado na temporalidade e regulado pela diferença, cuja materialidade está representada pela apreensão de algo na objetivação dos meios representacionais com a simultânea irrupção, no presente contínuo, da intangibilidade e incompletude do sucedido frente ao devir.<sup>33</sup>

No interior da psicanálise, sem nem mesmo problematizarmos se o respectivo paradigma mais se aproxima da hermenêutica ou das ciências naturais, podemos perceber movimentos de esgarçamento discursivo que tornam a prática de interpretação uma exegese reducionista e, portanto, dogmática, o que automaticamente traz à tona a relevância da hermenêutica para a abordagem psicanalítica no tocante à reflexão dos seus rumos, precauções e implementos. O perigo em causa ocorre por exemplo quando se

supõe que a passagem do manifesto ao latente consolidaria o encontro de uma explicação última estruturante da verdade do sujeito, analogamente à suposição filosófica binária, por igual precária e simplista, segundo a qual o latente teria algo a ver com a dimensão ontológica escondida atrás das precariedades ônticas do manifesto. A afinidade da psicanálise com a hermenêutica se manifesta em espontâneo pela sensibilidade daquilo que está em jogo na posterioridade própria do saber psicanalítico, ou seja, "um modo de compreender-se em seu ser no contexto analítico e nesse compreender-se em seu ser também estão envolvidos os modos de compreender em seu ser as relações, os processos e as circunstâncias" (STEIN, 2003, p. 115).

Toda a iniciativa de acolher à interpretação psicanalítica certo compromisso de esclarecimento revelador, em especial quando se utiliza o vocábulo "interpretação" para o trabalho da análise, como no caso dos sonhos (*Die Traumdeutung*), não deixa de ser algo enganador quando se trata de prometer uma explicação clara e definitiva (BETTELHEIM, 1982, p. 85). A hermenêutica implicada aqui é a de um juízo alicerçado no saber prático da experiência, o que se assemelha mais à arte comparavelmente aos mecanismos abstratos da técnica. Efetivamente todas as decisões práticas na esfera humana dependem de um saber geral, porém, como assinala Gadamer, a tipificação efetiva delas acontece com a experiência, ou seja, "na aplicação concreta desse saber há uma dificuldade concreta" (GADAMER, 2006, p. 25) pela singularidade em questão, infensa a padronizações estatísticas uniformes nas quais a aplicação precede (ou substitui) metodologicamente o caso.

<sup>31</sup> René Roussillon assinala que a associatividade em análise é por isso mesmo significativamente polimorfa, e não apenas linguageira, ao que corresponderia a escuta polifônica do analista (ROUSSILLON, 2013, p. 116), cuja interpretação (construtiva ou assinaladora) jamais andará no mesmo compasso.

<sup>32</sup> A diferença ontológica fornece para o conhecimento humano "uma nova relação na qual, mesmo que aconteça uma objetivação, com ela já está dada a sua ultrapassagem em direção a um acontecer, ou ainda, desse modo temos um acontecer que mesmo que possa dar-se na objetivação, sempre aponta para uma relação a partir da qual toda objetivação faz sentido" (STEIN, 2003, p. 110). Assim, Ernildo Stein concebeu a compatibilidade entre a psicanálise e a matriz filosófica da diferença ontológica idealizada por Heidegger e depois condecorada na universalidade hermenêutica do pensamento de Gadamer: "[...] Freud procurou cercar um campo do acontecer humano que ultrapassava aquilo que era realizado pela mera função de causalidade" (STEIN, 2003, p. 111).

<sup>33</sup> Trata-se aqui da singularização do sentido e dos efeitos sempre diferidos da interpretação, tomando-se o sujeito como portador criativo de significações na heterocronia dos tempos atravessados em sucessão de seu percurso finito de vida: "A ação da interpretação vai se manifestar através da resposta imediata, ou muito próxima, que pode suscitar o que o sujeito ouviu, e através de uma segunda resposta que somente aparecerá *a posteriori* e que vai depender da inevitável metabolização que deverá fazer o Eu desse entendimento para poder dele se apropriar" (AULAGNIER, 1995, p. 31).

## Considerações finais

A hermenêutica e a psicanálise despontam, assim, uma causalidade interpretativa desestimulada pela resposta exegética de “porquês” escavadores da originária e exaustiva fonte de significado, em virtude de a interpretação se realinhar para ambas conforme um desenvolvimento complexo do “como” no transcurso histórico da verdade do sujeito, transpassado por múltiplas temporalidades e diversas simbolizações. Assim, a hermenêutica, caracterizada pela filosofia de Gadamer, pode dar conta da experiência analítica, tendo em vista a sua notável marca no trato interpretativo do relacionamento humano consigo mesmo, com os outros e com o mundo, balizada na historicidade da compreensão humana a partir do fluxo ininterrupto da existência, jamais aspirando ao privilégio exegético de algum modelo abstrato a se legitimar fora do círculo hermenêutico.<sup>34</sup> A história para a hermenêutica, a dos efeitos, se apresenta consoante o primado do porvir e da precedência de um passado a ser reinvestido no horizonte do presente, quando se insinua o destino de estarmos lançados “no caminho que passa pela finitude, pela particularidade de nosso ser, visível também na diversidade das línguas, que se abre o diálogo infinito em direção à verdade que somos nós” (GADAMER, 2002, p. 269).<sup>35</sup>

A frase de Freud “onde havia isso, passaria a existir o eu” indica um horizonte hermenêutico na tarefa da psicanálise, como teoria e como terapia, ao permitir que o sujeito (o eu) realize a cada vez mais – e sempre durante a sua vida – incursões

no vasto domínio do seu psiquismo para exercer influência construtiva e ganhar ascendência frente ao isso em benefício do seu bem-estar (BETTELHEIM, 1982, p. 77-78).<sup>36</sup> Não à toa Gadamer nos diz que a reflexividade hermenêutica acerca da saúde e da doença das pessoas não implica um posicionamento neutro diante de um objeto disponível prestes a ser decifrado por certo aparato técnico aplicativo (exegese), pois ela se situa na maneira de acompanhar a consumação fática de uma experiência vivenciada dentro de um contexto mais amplo, o da hermenêutica (GADAMER, 2006, p. 61). Portanto, o conhecimento e as resistências oriundas da reflexão hermenêutica sempre incorporam aspectos variados da vida da pessoa em uma totalidade temporalmente atuante que está em pleno vigor, ficando à mercê do reinvestimento possível confrontado com as mais diversas influências e pressões, psíquicas e externas, incidentes na história do sujeito (GADAMER, 2006, p. 63).

O ideal de conhecimento baseado na exatidão foi a herança da modernidade com que a filosofia – e com ela a hermenêutica – se transformou naquilo que só poderia ser a antítese da compreensão adequada do ser humano e, portanto, da psicanálise. A contribuição da hermenêutica filosófica de Gadamer ressalta o ponto central de convergência com o postulado psicanalítico freudiano, em especial “a finitude e a inconclusividade de todo compreender e de toda reflexão da história dos efeitos” (GADAMER, 2002, p. 308)<sup>37</sup>, desonerando a hermenêutica de obrigações

<sup>34</sup> Assim sendo, não seriam problemas para a tese hermenêutica de Gadamer – senão para modelos exegéticos e predominantemente explicativos de interpretação (o que tampouco parece ser a filosofia hermenêutica de outros autores, como Paul Ricoeur) – as seguintes configurações colocadas a exemplo da clínica psicanalítica: o sujeito que não compreende a si mesmo; o registro da revelação simultânea de uma infinidade de significados; a possibilidade de uma única formação inconsciente poder condensar múltiplos e contraditórios propósitos; a impossibilidade de se constituir um conjunto consistente de significados; a impossibilidade de pensarmos os significantes como possuidores de uma instância a eles exterior, cujo significado ou referente contemple um lastro último de garantia; a impossibilidade da totalização do sentido; ser a satisfação pulsional uma condição do sentido, algo do não sentido que compareça para alguém na ordem da significação (ressalvas retiradas de LUSTOZA; FREIRE, 2006, p. 26-32).

<sup>35</sup> O artigo “A universalidade do problema hermenêutico”, publicado na coletânea brasileira *Verdade e Método II* (2002, p. 255-269), foi originalmente editado em 1966.

<sup>36</sup> Relembrando mais à frente a famosa passagem freudiana (aqui descrita como “Onde era Isso, deve tornar-se Eu”), o autor conclui: “A psicanálise tenta demonstrar que os nossos motivos mais básicos estão sujeitos a reconhecimento consciente e alteração deliberada. Se “Eu” sou impelido pelo medo ou ambição ou cobiça, “Eu” posso fazer alguma coisa a respeito” (BETTELHEIM, 1982, p. 124).

<sup>37</sup> O artigo *Réplica à hermenêutica e crítica da ideologia*, publicado na coletânea brasileira *Verdade e Método II* (2002, p. 292-320), foi originalmente editado em 1971. Interessante constatar que a maneira de pensar a interpretação efetuada pela hermenêutica filosófica de Gadamer, no sentido de que “a superioridade daquilo que deve ser compreendido não pode ser esgotada por nenhuma interpretação” (GADAMER, 2002, p. 308), é a que a faz aproximar essencialmente da invenção de Freud (eis o nosso argumento central ao longo do texto), ao mesmo tempo em que o próprio filósofo adverte sobre o mau uso da psicanálise como instância paradigmática para equivocado modo de conceber a reflexão hermenêutica, como se esta fosse uma ciência explicativa à procura da “plena transparência idealista de sentido” (GADAMER, 2002, p. 308).

somente encontráveis em empreendimentos interpretativos forçados, senão distorcidos desde a sua base. Que tais esforços sejam cogitáveis na esfera do pensamento e das elaborações conceituais argumentáveis, não se pode descartar; mas é defensável afiançar de antemão que nada disso estará mais distante do coração psicanalítico e da alma hermenêutica, ambos assentados no acontecer da finitude histórica permeado por impulsos e compreensões em aberto, até o advento do ponto final desse algo extraordinário denominado vida.<sup>38</sup>

## Referências

- ABEL, Günter. Verdade e interpretação. *Cadernos Nietzsche*, São Paulo, n. 12, p. 15-32, 2002.
- AULAGNIER, Piera Castoriadis. O trabalho da interpretação. A função do prazer no trabalho analítico. In: MAJOR, René (org.). *Como a interpretação vem ao psicanalista*. São Paulo: Editora Escuta, 1995. p. 17-38.
- BETTELHEIM, Bruno. *Freud e a alma humana*. São Paulo: Cultrix, 1982.
- BINSWANGER, Ludwig. *Sonho e existência*. Rio de Janeiro: Via Verita, 2013.
- BIRMAN, Joel. *Freud e a experiência psicanalítica*. Rio de Janeiro: Livrarias Taurus-Timbres, 1989.
- COLTRERA, Joseph T.; ROSS, Nathaniel. A Técnica Psicanalítica de Freud – Das Origens até 1923. In: WOLMAN, Benjamin B. (org.). *Técnicas Psicanalíticas 1: A Técnica Freudiana*. Rio de Janeiro: Imago Editora, 1976. p. 21-70.
- DOSSE, François. *Paul Ricoeur – os sentidos de uma vida (1913-2005)*. São Paulo: LiberArs, 2017.
- FIGUEIREDO, Luis Claudio. *A mente do analista*. São Paulo: Escuta, 2021.
- FRANCO, Sérgio de Gouvêa. *Hermenêutica e psicanálise na obra de Paul Ricoeur*. São Paulo: Loyola, 1995.
- FREUD, Sigmund. Psicanálise Silvestre. In: *Obras completas* (Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud). Rio de Janeiro: Imago, 1970. v. 11, p. 205-213.
- FREUD, Sigmund. Conferência XVII. O sentido dos sintomas. In: *Obras completas* (Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud). Rio de Janeiro: Imago, 1976.v. 16, p. 305-322.
- FREUD, Sigmund. Conferência XVIII. Fixação em Traumas – O Inconsciente. In: *Obras completas* (Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud). Rio de Janeiro: Imago, 1976.v. 16, p. 323-336.
- FREUD, Sigmund. Dois verbetes de enciclopédia. In: *Obras completas* (Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud). Rio de Janeiro: Imago, 1976. v. 18, p. 285-312.
- FREUD, Sigmund. Conferência XXXI. A Dissecção da Personalidade Psíquica. Novas conferências introdutórias sobre psicanálise. In: *Obras completas* (Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud). Rio de Janeiro: Imago, 1976. v. 22, p. 75-102.
- FROMM, Erich. *A crise da psicanálise*. Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1970.
- GADAMER, Hans-Georg. A universalidade do problema hermenêutico. In: *Verdade e Método II: complementos e índice*. Petrópolis: Vozes, 2002, p. 255-269.
- GADAMER, Hans-Georg. Retórica, hermenêutica e crítica da ideologia – Comentários metacríticos na Verdade e Método I. In: *Verdade e Método II: complementos e índice*. Petrópolis: Vozes, 2002, p. 270-291.
- GADAMER, Hans-Georg. Réplique à Hermenêutica e crítica da ideologia. In: *Verdade e Método II: complementos e índice*. Petrópolis: Vozes, 2002, p. 292-320.
- GADAMER, Hans-Georg. *O caráter oculto da saúde*. Petrópolis: Vozes, 2006.
- GADAMER, Hans-Georg. *Verdade e Método*. Petrópolis: Vozes, 2011.
- GARCIA-ROZA, Luiz Alfredo. *Freud e o inconsciente*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2009.
- GREEN, André. *Conferências brasileiras de André Green: metapsicologia dos limites*. Rio de Janeiro: Imago, 1990.
- HABERMAS, Jürgen. *Conhecimento e interesse*. São Paulo: Editora Unesp, 2011.
- HACKING, Ian. *Por que a linguagem interessa à filosofia?* São Paulo: Editora Unesp, 1999.
- HYPOLITE, Jean. Comentário falado sobre a *Verneinung*. In: LACAN, Jacques. *Escritos*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1998. p. 893-902.
- JORGE, Marco Antonio Coutinho. *Fundamentos da psicanálise de Freud a Lacan: a prática analítica*. Rio de Janeiro: Zahar, 2017. v. 3.
- LEADER, Darian. *O que é loucura?: delírio e sanidade na vida cotidiana*. Rio de Janeiro: Zahar, 2013.
- LUSTOZA, Rosane Zétola; FREIRE, Ana Beatriz. Para uma crítica da leitura hermenêutica da psicanálise. *Natureza Humana*, São Paulo, v. 8, n. 1, p. 9-33, jan./jun., 2006.

<sup>38</sup> Para Richard Rorty, uma visão da psicanálise permeada por uma inclinação hermenêutica, algo ao seu ver ambicionado pelo próprio Freud, nos tornaria mais humanos e menos controladores diante de uma suposta ordem – e normalidade – do mundo: "Freud fez da variedade de interpretações do passado de cada um [...] narrativas alternativas e vocabulários alternativos como instrumentos para a mudança, em vez de candidatos a uma representação correcta de como as coisas são em si mesmas" (RORTY, 1999, p. 239).

MANNONI, Octave. *Isso não impede de existir*. Campinas: Papyrus, 1991.

MARTINS, Antônio Manuel. Verbete "Máxima". In: *LOGOS. Enciclopédia Luso-Brasileira de Filosofia*. Lisboa/São Paulo: Editorial Verbo, 1991. v. 3, p. 753-754.

MEZAN, Renato. Pesquisa em psicanálise: algumas reflexões. In: *O tronco e os ramos: estudos de história da psicanálise*. São Paulo: Blucher, 2019.

MINERBO, Marion. *Diálogos sobre a clínica psicanalítica*. São Paulo: Blucher, 2016.

MONZANI, Luiz Roberto. *Freud: o movimento de um pensamento*. Campinas: Editora da UNICAMP, 1989.

MONZANI, Luiz Roberto. Discurso filosófico e discurso psicanalítico: balanços e perspectivas. In: PRADO JR., Bento (org.). *Filosofia da psicanálise*. São Paulo: Brasiliense, 1991. p. 109-138.

NOSEK, Leopold. *A disposição para o assombro*. São Paulo: Perspectiva, 2017.

OLIVEIRA, Manfredo Araújo de. Metafísica enquanto fenomenologia hermenêutica? In: CULLETON, Alfredo; STRECK, Lenio Luiz; REIS, Róbson Ramos dos (org.). *Festschrift – um tributo a Ernildo Stein: viveu às voltas com a metafísica e a fenomenologia*. São Leopoldo: Editora UNISINOS, 2015, p. 57-76.

QUINET, Antonio. *As 4+1 condições da análise*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2009.

REIS, Mauricio Martins. *Hermenêutica filosófica como filosofia*. Ijuí: Editora Unijui, 2017.

RICOEUR, Paul. *Do texto à ação: ensaios de hermenêutica II*. Traduzido por Alcino Cartaxo e Maria José Sarabando. Porto: Editora RÉ, 1986.

RICOEUR, Paul. *Psicanálise e hermenêutica*. In: *Escritos e conferências 1: em torno da psicanálise*. São Paulo: Edições Loyola, 2010. p. 57-79.

ROHDEN, Luiz. *Hermenêutica filosófica: entre a linguagem da experiência e a experiência da linguagem*. São Leopoldo: Editora UNISINOS, 2003.

ROHDEN, Luiz; KUSSLER, Leonardo Marques. Filosofar enquanto cuidado de si mesmo: um exercício espiritual ético político. *Trans/formação: Revista de Filosofia*, Marília, v. 40, n. 3, p. 93-112, jul./set., 2017.

ROHDEN, Luiz. Entre fenomenologia e hermenêutica: a medicina como uma arte ética. *Ethic@*, Florianópolis, v. 16, n. 2, p. 243-266, nov. 2017.

ROHDEN, Luiz. O outro também pode ter razão – para além de ele ter apenas seus direitos reconhecidos. *KRITERION*, Belo Horizonte, n. 148, p. 259-276, abr. 2021.

RORTY, Richard. Freud e a reflexão moral. In: *Ensaio sobre Heidegger e outros*. Lisboa: Editora Piaget, 1999. p. 225-256.

ROUSSILLON, René. Teoria da simbolização: a simbolização primária. In: FIGUEIREDO, Luis Cláudio; SAVIETTO, Bianca Bergamo; SOUZA, Octavio (org.). *Elasticidade e limite na clínica contemporânea*. São Paulo: Escuta, 2013. p. 107-122.

STEIN, Ernildo. *Nas proximidades da antropologia: ensaios e conferências filosóficas*. Ijuí: Editora Unijui, 2003.

STEIN, Ernildo. *Analítica existencial e psicanálise: Freud, Binswanger, Lacan, Boss – conferências*. Ijuí: Editora Unijui, 2012.

STEUERMAN, Maria Emilia. Habermas e a psicanálise. In: FIGUEIRA, Sérvulo Augusto (org.). *A influência da psicanálise*. Rio de Janeiro: Campus, 1988. p. 1-20.

TORT, Michel. *La interpretación o la máquina hermenéutica*. Buenos Aires: Ediciones Nueva Visión, 1976.

---

### Luiz Rohden

Doutor em Filosofia pela Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul (PUCRS), em Porto Alegre, RS, Brasil. Professor Titular I da Universidade do Vale do Rio dos Sinos (Unisinos), em São Leopoldo, RS, Brasil. Bolsista PQ2 do CNPQ.

---

### Mauricio Martins Reis

Doutor em Filosofia pela Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul (PUCRS), em Porto Alegre, RS, Brasil. Psicanalista.

---

### Endereços para correspondência

*Luiz Rohden*

Avenida Cristo Rei, 498

Bairro Cristo Rei

São Leopoldo, RS, Brasil

93020-350

*Mauricio Martins Reis*

Rua Barbosa Gonçalves, 530

Bairro Chácara das Pedras

Porto Alegre, RS, Brasil

91330-320

*Os textos deste artigo foram revisados pela Poá Comunicação e submetidos para validação do autor antes da publicação.*